

FUNDO PARCITAS FIC FIF MULT RL

desempenho mensal



ESTADOS UNIDOS

Mês marcado pelo vai e vem das negociações tarifárias. Em um primeiro momento, o governo americano se mostrou pragmático, anunciando a trégua de 90 dias firmada com a China e o anúncio do acordo comercial com o Reino Unido. Contudo, na segunda metade do mês, o governo americano voltou a adotar uma retórica mais protecionista, ameaçando impor uma tarifa de 50% sobre produtos da União Europeia, fazendo críticas à China pelo não cumprimento integral do acordo – especialmente no que tange às terras raras – e anunciou aumento das tarifas sobre aço e alumínio, que passaram de 25% para 50%. Além disso, houve a suspensão temporária das tarifas recíprocas por decisão do Judiciário americano, medida posteriormente revertida até que a Corte de Apelações julgue o mérito da questão.

De forma geral, o mercado reagiu de forma mais tranquila diante dessas mudanças, o que indica que os agentes econômicos estão, cada vez mais, precificando um desfecho que envolva tarifas recíprocas médias de cerca de 10%.

Nesse contexto, o FOMC decidiu manter a taxa de juros inalterada no intervalo de 4,25% e 4,50% ao ano. Os membros do comitê se apoiaram no mercado de trabalho ainda sólido, na desaceleração da inflação – embora ainda permaneça em níveis elevados – e na incerteza em relação à política tarifária. A imprevisibilidade do cenário comercial elevou os riscos tanto de uma desaceleração econômica quanto de uma retomada das pressões inflacionárias. Diante desse quadro, o comitê deixou claro que está em uma posição confortável para aguardar com maior clareza sobre os rumos da economia antes de promover qualquer ajuste na política monetária.

Sobre os dados econômicos, após uma forte deterioração dos soft data no início do ano, os dados concretos tanto de atividade quanto de inflação se mostraram mais favoráveis do que as sondagens apontavam. No campo da atividade, o mercado de trabalho seguiu surpreendendo, com taxa de desemprego estável em 4,2%. No lado da inflação, o PCE e CPI apontaram inflação mais branda, ainda sem impacto das tarifas, mas sugerindo que o ponto de partida é mais benigno do que o previamente antecipado pelo mercado.

No lado do consumo das famílias, o setor de serviços segue resiliente, e o consumo de bens, apesar de mais fraco em abril, tal fraqueza parece ter refletido apenas o fato de as famílias terem antecipado o consumo no mês anterior, antecipando o aumento das tarifas.





ESTADOS UNIDOS

De forma resumida, os dados econômicos indicam uma economia resiliente, que busca se preparar para os efeitos da nova política comercial. A inflação está mais controlada, o que pode ajudar a mitigar os impactos inflacionários dessas medidas. O mercado de trabalho, embora em ritmo mais moderado, permanece robusto, e o consumo segue em expansão. Esses fatores devem contribuir para suavizar os efeitos das tarifas sobre a atividade e os preços, com o efeito sobre a inflação começando a ser sentido a partir de junho.

Ainda assim, as mudanças econômicas propostas pelo governo Trump tendem a gerar impactos significativos, sendo que a incerteza quanto à magnitude e ao alcance dessas mudanças é hoje o principal fator que pesa negativamente nas decisões dos agentes econômicos.

Mesmo com a volatilidade mais alta, seguimos alocados em ações norte-americanas com foco no setor de tecnologia. Durante o mês, fizemos ajustes pontuais no portfólio internacional, mantendo assim o mesmo perfil de alocação: (i) comprados em ações; (ii) tomados na inclinação 2x10 US; e (iii) pequena posição aplicada em juros US.





BRASIL

Apesar de a Selic ter atingido 14,75%, os dados de atividade continuaram apontando crescimento robusto. Destaque para os dados do mercado de trabalho, tanto com o Caged quanto com a Pnad apontando para um mercado de trabalho ainda mais apertado, após breve sinal de inflexão no mês anterior. Ainda, o PIB avançou 1,4% no primeiro trimestre do ano, com importações avançando 6%, com fortes indícios de demanda operando acima da capacidade interna de oferta.

Com tal dinâmica da atividade, seria de se esperar que o quadro inflacionário também estivesse se deteriorando. Mas este não tem sido o caso. As surpresas de dados divulgados ao longo de maio foram majoritariamente baixistas, com destaque para os IGPs, que voltaram a apresentar deflação no componente subjacente. E, no IPCA, os dados continuaram sugerindo que o efeito da depreciação do câmbio observada no ano passado já foi repassado pelo varejo, e que a inflação prospectiva é cadente – ou seja, que a inflação já estaria fazendo pico.

Tal dinâmica inflacionária é reflexo da combinação do ambiente de dólar fraco no mundo e da supersafra de alimentos no Brasil, e permitiu que o Focus IPCA 2025 recuasse de 5,55% para 5,45%. Olhando para frente, agentes econômicos seguem céticos com relação à convergência da inflação em direção às metas, de tal forma que a inflação segue consideravelmente desancorada ao longo de todo o horizonte: para 2026, as apostas são de inflação no teto da banda (4,5%), e para os anos mais longínquos, as apostas são de inflação ao redor de 4,0%.

A desancoragem parece refletir dois fatores. Primeiro, os diretores do BCB têm adotado tom mais dovish nas falas recentes: apesar de o modelo de inflação deles mesmos apontar inflação de 3,6% no horizonte relevante, o discurso tem sugerido preferência dos diretores em manter a Selic inalterada em 14,75% a partir daqui. Segundo, o governo tem se mostrado sensível à queda de popularidade, anunciando várias medidas na direção de manter a taxa de desemprego ao redor do low histórico daqui até o final do ano que vem.

Nesse contexto, agentes econômicos continuam projetando inflação consideravelmente acima da meta, inclusive desancorando desde a última carta mensal – diante de novos anúncios por parte do governo, como linhas de crédito para entregadores de aplicativo e motoristas de Uber, e do tom marginalmente mais dovish por parte do Copom.





BRASIL

Além de tudo isso, outro evento importante no mês foi a divulgação do relatório bimestral. Nele, o mercado recebeu sinalizações dúbias, mas que vão na direção de justificar maiores prêmios daqui até as eleições. No lado positivo, o governo apresentou projeções mais realistas, tanto de despesas quanto de receitas, que demandam contingenciamento de R\$ 21 bilhões por parte da União, superando as expectativas mais conservadoras do mercado.

Entretanto, e mais do que compensando a surpresa positiva supracitada, tivemos o anúncio do aumento do IOF, via decreto, com o intuito de 'fechar o buraco' fiscal e dificultar o fluxo de saída de capitais. Na nossa visão, o episódio acaba antecipando a volatilidade eleitoral: como a União já está claramente em modo de campanha, os ativos brasileiros deveriam voltar a girar com prêmio. Acreditamos que isso só não começou de fato pois o fluxo comercial segue bastante forte, refletindo a safra recorde, mas no 2º semestre devemos perder tal 'ajuda'.

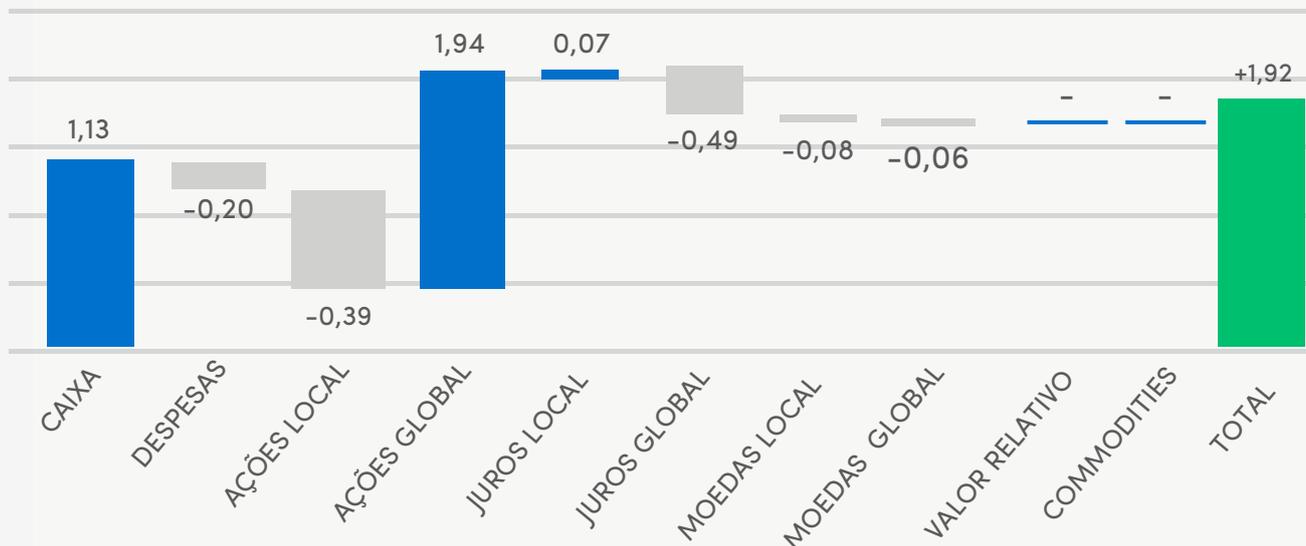
Diante desse cenário, temos mantido nossa alocação de risco em: (i) ações defensivas (setor de Utilities); (ii) aplicados em juro real; e (iii) comprados em USDBRL via estrutura de opções. Estamos com pouco risco alocado em juros e moedas nesse momento e seguimos buscando estratégias que apresentem boas assimetrias nesse contexto desafiador doméstico.





ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE

Parcitas Hedge FIC FIF Multimercado RL - Maio/2025

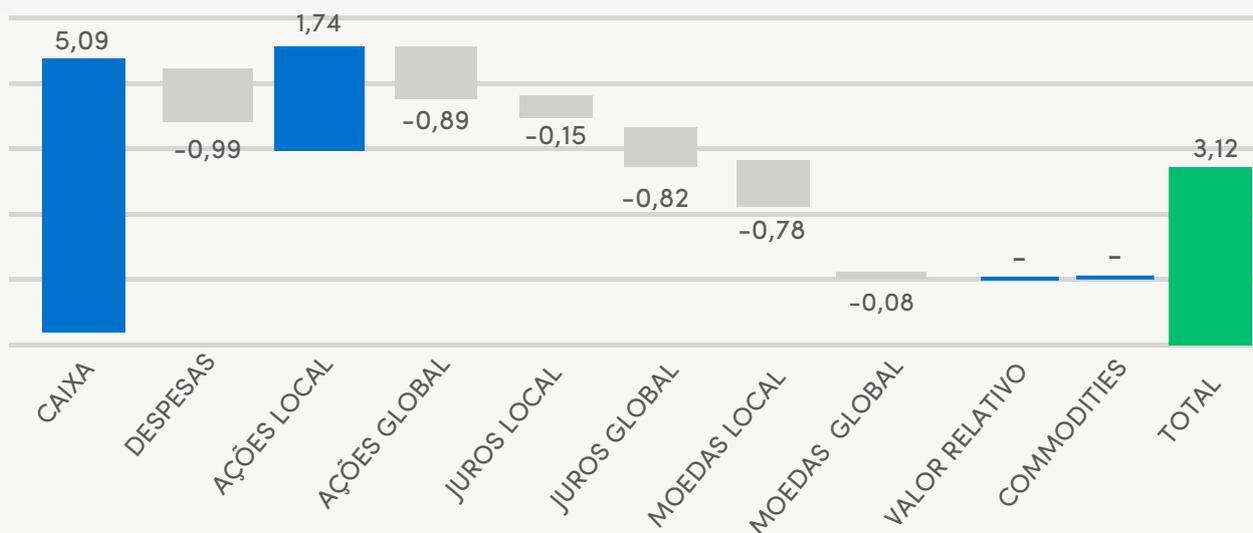


*Dados de 01/maio/2025 até 31/maio/2025



ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE

Parcitas Hedge FIC FIF Multimercado RL - Ano/2025*



*Dados de 01/jan/2025 até 31/maio/2025



RETORNOS MENSAIS (%)

	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	ANO	INÍCIO
2025	0,48	-0,11	-1,47	2,30	1,92	-	-	-	-	-	-	-	3,12	51,96
% CDI	47	-	-	218	196	-	-	-	-	-	-	-	59	76
2024	0,37	-0,67	0,95	-1,72	0,83	1,11	0,96	2,16	1,40	-0,06	1,17	-0,39	6,23	47,37
% CDI	38	-	114	-	98	141	105	249	168	-	148	-	57	79
2023	1,80	1,52	3,15	0,66	1,78	-2,05	0,89	-0,12	-2,26	-3,17	4,85	2,52	9,67	38,72
% CDI	161	165	268	72	159	-	83	-	-	-	529	281	74	87
2022	-1,17	0,69	4,51	-2,01	0,20	0,67	2,21	-0,37	1,44	-0,61	-4,50	0,23	1,02	26,49
% CDI	-	92	489	-	19	66	214	-	134	-	-	20	8	96
2021	-0,18	0,84	1,15	1,30	0,15	1,18	-0,83	0,28	-1,30	4,25	0,35	0,08	7,39	25,21
% CDI	-	625	580	625	56	386	-	65	-	885	60	11	168	185
2020	0,56	-2,11	-11,93	5,27	4,41	1,95	2,64	2,40	-2,44	-1,51	4,15	1,40	3,60	16,60
% CDI	148	-	-	1.850	1.849	908	1.361	1.490	-	-	273	848	130	187
2019	3,01	-0,21	0,68	0,79	0,58	0,74	0,79	-0,20	1,67	1,28	-0,51	3,33	12,55	12,55
% CDI	582	-	146	152	106	158	140	-	360	266	-	884	211	211

PL: R\$ R\$ 608.3 milhões

PL: Patrimônio Líquido

PL médio (12 meses):

R\$587 milhões

MAIO DE 2025**+1,92%****(169% DO CDI)****12 MESES****+10,01%****(85% DO CDI)****DESDE O INÍCIO*****+51,96%****(76% DO CDI)**

*02/01/2019

Aviso: Leia o prospecto e o regulamento antes de investir. A rentabilidade passada não representa garantia de rentabilidade futura. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Fundos de investimento não contam com a garantia do Administrador, do Gestor, de qualquer mecanismo de seguro ou Fundo Garantidor de Crédito - FGC



+55 11 3192 9050
ri@parcitas.com.br



Acompanhe a Parcitas
nas redes sociais